

INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 62 MAIO/JUNHO DE 2011

ARTIGOS

O texto que inicia esse número do Informe é de autoria da Professora Eunice Ostrensky, do departamento de Ciência Política. Elaborado para servir de auxílio e subsídio aos alunos de graduação do curso de Ciências Sociais, o texto pode, igualmente, ser útil a todos os alunos dos demais cursos de graduação da Faculdade; daí o interesse de sua publicação e divulgação. Preocupada com o comum desconhecimento que os alunos revelam dos procedimentos formais que devem reger a produção de um texto e com a crescente disseminação e intensificação do plágio entre eles (que a Internet, com o recurso do “copiar e colar”, facilita), a professora Eunice oferece com o presente texto sua contribuição para um adequado enfrentamento dessa candente questão.

INSTRUÇÕES PARA REDAÇÃO ACADÊMICA CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROFA. DRA. EUNICE OSTRENSKY

1. TEXTOS

1.1. Como ler um texto acadêmico:

Seja qual for a técnica de leitura adotada, é imprescindível ter como ponto de partida que toda leitura exige concentração. Nenhum texto jamais será suficientemente claro se o leitor não prestar atenção nele. Muitas vezes, mais de uma leitura é necessária para se alcançar uma compreensão razoável do texto. Faça anotações, grife, consulte dicionários, discuta com os colegas, pergunte-se se o que está lendo faz sentido. De qualquer maneira, caso você não saiba como se faz uma leitura acadêmica, antes de começar a ler as obras indicadas na bibliografia dos cursos, não deixe de consultar Introdução às técnicas do trabalho intelectual, de José Carlos Bruni e José Aluysio Reis de Andrade, em especial a Primeira Parte, que trata da leitura. A cópia desse texto se encontra na pasta Redação Acadêmica, no xerox da faculdade, prédio do meio. Em Severino, 2003, cap. III, também se encontram indicações de como fazer uma leitura acadêmica corretamente.

Também é importante salientar que a bibliografia secundária ou bibliografia de apoio nunca substitui a leitura da bibliografia básica. Os manuais, livros paradidáticos e de divulgação podem eventualmente ajudar a esclarecer dificuldades encontradas na interpretação dos textos indicados na bibliografia básica. Entretanto, por seu caráter introdutório, costumam abusar de informações de senso comum, quando não resultam em meras simplificações de conceitos e argumentos. Uma formação acadêmica sólida exige o enfrentamento com os textos básicos.

1.2. Resenhas:

Antes de fazer qualquer resenha de livro ou artigo, não deixe de consultar o seguinte site: www2.ifrn.edu.br/.../resenhas_acad%EAmicas_gisele_carvalho.doc;

1.3. Como escrever um texto acadêmico:

Mais uma vez, recomenda-se fortemente que se consulte Introdução às técnicas do trabalho intelectual, de José Carlos Bruni e José Aluysio Reis de Andrade, Segunda Parte, que trata da redação. Em

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR:

Prof. Dr. João Grandino Rodas

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**COORDENAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

REVISÃO:

Wiviane Ribeiro do Carmo

SECRETÁRIA:

Neusa Bispo de Oliveira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 1200 exemplares

Sumário

ARTIGOS

Instruções para redação acadêmica

Curso de Ciências Sociais 1
Prof. Dra. Eunice OstrenskyNova Terceira Idade transforma a família,
a sociedade e a política 8
Por: Luis Ricardo BérqamoRoger Casement no Brasil 10
Por: Rafael KopkoMorte com humor: Professor Elias Thomé Saliba
comenta as charges sobre Bin Laden 11
Por: Luis Ricardo Bérqamo e Rafael Kopko**ENTREVISTA**A Reciclagem como forma de gerenciar o lixo:
entrevista com o Professor Wagner Costa Ribeiro 13
Por: Luis Ricardo Bérqamo**HOMENAGEM**Davi ArriguZZi Jr.: As Armas da Crítica 15
Prof. Dr. Lincoln Secco**EVENTOS**Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca
reforça a importância da FFLCH para os Estudos
Medievais 16
Por: Luis Ricardo BérqamoFFLCH comemora 150 anos de nascimento de
Nobel indiano com Seminário Internacional 20
Por: Luis Ricardo Bérqamo**ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO**Reformas nos prédios da Faculdade, maio de 2011 .. 21
Por: Rafale Kopko**PRODUÇÃO DA FACULDADE** 21

todo caso, as advertências seguintes sempre deverão ser levadas em conta:

- a) Em qualquer texto acadêmico, seja resenha, análise, resumo, projetos (iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado), é de primordial importância escrever de maneira clara, precisa, concisa e com bom domínio do idioma culto.
- b) O texto deve se desenvolver por meio de encadeamentos lógicos ou nexos argumentativos evidentes. Um texto prolixo, impreciso e desorganizado dificilmente prenderá a atenção do leitor e, portanto, não conseguirá convencê-lo das hipóteses defendidas e das teses sustentadas. Um texto que exige do leitor um enorme esforço de compreensão é, do ponto de vista demonstrativo, ineficaz.
- c) Convém que as frases sejam curtas e que cada uma delas contenha uma só ideia. Evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias.
- d) Na construção dos argumentos, é preciso evitar tanto o excesso de parágrafos, em que cada frase é considerada um novo parágrafo, como a ausência de parágrafos. No texto, os parágrafos representam a articulação dos raciocínios e por isso a relação entre um parágrafo e o seguinte deve ser evidente e linear. Lembre-se que “a mudança de parágrafo toda vez que se avança na sequência do raciocínio marca o fim de uma etapa e o começo de outra” (SEVERINO, 2003, p. 85).
- e) Evite expressões coloquiais, gírias, jargões, excesso de termos técnicos, pedantismo, barbarismos, bem como expressões e raciocínios de senso comum. Tampouco aposte numa suposta erudição para impressionar o leitor.
- f) Um bom texto é gramaticalmente correto. Respeite as regras de pontuação e acentuação (em especial a crase). Atente para a concordância verbal e nominal, regência verbal e nominal. Lembre-se que nem os acentos nem a pontuação foram abolidos. Na dúvida, consulte um bom livro de gramática e os dicionários da língua portuguesa.

2. CRITÉRIOS BIBLIOGRÁFICOS

Você não pode citar os textos consultados de qualquer maneira. Existem regras específicas para isso, embora nem todas as revistas acadêmicas se orientem pelos mesmos critérios bibliográficos. A seguir, encontram-se as normas adotadas para a apresentação de colaborações à Revista Brasileira de Ciências Sociais:

Livro: SOBRENOME DO AUTOR (em caixa alta) /VÍRGULA/ seguido do nome (em caixa alta e baixa) /PONTO/ data entre parênteses /VÍRGULA/ título da obra em itálico /PONTO/ nome do tradutor /PONTO/ nº da edição, se não for a primeira /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

EXEMPLO:

SACHS, Ignacy. (1986), *Ecodesenvolvimento, crescer sem destruir*. Tradução de Eneida Cidade Araújo. 2ª edição, São Paulo, Vértice.

Artigo: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como no item anterior) / “título do artigo entre aspas /PONTO/ nome do periódico em itálico /VÍRGULA/ volume do periódico /VÍRGULA/ número da edição /DOIS PONTOS/ numeração das páginas.

EXEMPLO:

REIS, Elisa. (1982), “Elites agrárias, state-building e autoritarismo”. *Dados*, 25, 3: 275-96.

Coletânea: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) / “título do capítulo entre aspas” /VÍRGULA/ in (em itálico)/ iniciais do nome, seguidas do sobrenome do(s) organizador(es) /VÍRGULA/ título da coletânea, em itálico /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

EXEMPLO:

ABRANCHES, Sérgio Henrique. (1987), “Governo, empresa estatal e política siderúrgica: 1930-1975”, in O.B. Lima & S.H. Abranches (org.), *As origens da crise*, São Paulo, Iuperj/Vértice.

Teses acadêmicas: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) /VÍRGULA/ título da tese em itálico /PONTO/ grau acadêmico a que se refere /VÍRGULA/ instituição em que foi apresentada /VÍRGULA/ tipo de reprodu-

ção (mimeo ou datilo) /PONTO.

EXEMPLO:

SGUIZZARDI, Eunice Helena. (1986), O estruturalismo de Piaget: subsídios para a determinação de um lugar comum para a Ciência e a Arquitetura. Tese de mestrado. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, datilo.

3. REGRAS DE CITAÇÕES (SEGUNDO A ABNT):

Existem 04 definições para citação:

- Citação: menção, no texto, de uma informação extraída de outra fonte;
- Citação direta: transcrição textual do autor consultado;
- Citação indireta: transcrição livre do autor consultado;
- Citação de citação: transcrição direta ou indireta em que a consulta não tenha sido no trabalho original.

3.1. Regras Gerais

- a) Quando o(s) autor(es) citado(s) estiver no corpo do texto a grafia deve ser em minúsculo, e quando estiver entre parênteses deve ser em maiúsculo.
- b) Devem ser especificadas, o ano de publicação, volume, tomo ou seção, se houver e a(s) página(s).
- c) A citação de até 03 linhas acompanha o corpo do texto e se destaca com dupla aspas.
Exemplos: Barbour (1971, v.21, p. 35) descreve “o estudo da morfologia dos terrenos”
“Não se mova, faça de conta que está morta” (CLARAC; BONNIN, 1985, p. 72)
- d) Para as citações com mais 03 linhas, deve-se fazer um recuo de 4,0 cm na margem esquerda, diminuindo a fonte e sem aspas. Exemplo:

Devemos ser claros quanto ao fato de que toda conduta eticamente apropriada pode ser guiada por uma de duas máximas fundamentalmente e irreconciliavelmente diferentes: a conduta pode ser orientada para uma “ética das últimas finalidades”, ou para uma “ética da responsabilidade”. Isso não é dizer

que uma ética das últimas finalidades seja idêntica à irresponsabilidade, ou que a ética de responsabilidade seja idêntica ao oportunismo sem princípios (WEBER, 1982, p.144).

- e) Para citações do mesmo autor com publicações em datas diferentes, e na mesma sequência, deve-se separar as datas por vírgula. Exemplo: (CRUZ, 1998, 1999, 2000)
- f) Nas citações que aparecerem na sequência do texto podem ser referenciadas de maneira abreviada, em notas:
 - apud -citado por, conforme, segundo;
 - idem ou id -mesmo autor;
 - ibidem ou ibid -na mesma obra;
 - opus citatum, opere citato ou op. cit. -obra citada;
 - passim -aqui e ali (quando foram retirados de intervalos);
 - loco citato ou loc. Cit. -no lugar citado;
 - cf. -confira, confronte;
 - sequentia ou et seq. - seguinte ou que se segue.
 Somente a expressão apud pode ser usada no decorrer do texto.

4. HONESTIDADE INTELLECTUAL¹

Além dessas regras que norteiam a redação acadêmica, é importante saber que a universidade preza a chamada honestidade intelectual. Entre os casos de desonestidade intelectual, o que nos interessa mais de perto diz respeito ao plágio. Plagiar, segundo as definições correntes², é:

- apresentar palavras e ideias alheias como se fossem próprias;
- usar trabalhos de outras pessoas sem fornecer os créditos;
- praticar roubo literário;
- apresentar como novas e originais ideias extraídas de uma fonte já existente.

Quer seja praticado por desconhecimento ou de propósito, o plágio é moral e legalmente condenável, já que implica se apropriar do trabalho de outra pessoa e posteriormente ocultar esse fato. Para tentar evitá-lo, a seguir apresentamos brevemente alguns exemplos mais comuns dessa prática.

¹ Para uma exposição mais minuciosa desses e outros casos de plágio, veja-se Shikida, 2005.

² Veja-se http://www.plagiarism.org/plag_article_what_is_plagiarism.html.

4.1. Citação direta ou cópia literal de outro texto: o trecho plagiado é idêntico ao original. A diferença é que o trecho citado não está entre aspas.

Exemplo:

Texto original:

“Já que normalmente aconteciam no interior dos Estados territoriais modernos, supunha-se que as discussões acerca da justiça concerniam às relações entre cidadãos, deveriam submeter-se ao debate dentro dos públicos nacionais e contemplar reparações pelos Estados nacionais.”

(FRASER, Nancy (2009). “Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado”. Lua Nova, São Paulo, 77, Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000200001&lng=pt&nrm=iso.)

Texto plagiado:

Já que normalmente aconteciam no interior dos Estados territoriais modernos, supunha-se que as discussões acerca da justiça concerniam às relações entre cidadãos, deveriam submeter-se ao debate dentro dos públicos nacionais e contemplar reparações pelos Estados nacionais.

4.2. Mistura ou intercalações de diferentes trechos de textos. Há casos em que o plagiador segmenta o texto original e o espalha ao longo do seu próprio texto, na tentativa de ocultar seu plágio. Há casos, ainda, em que o plagiador intercala textos de diferentes autores. Exemplo:

Já que normalmente aconteciam no interior dos Estados territoriais modernos, supunha-se que as discussões acerca da justiça concerniam às relações entre cidadãos, deveriam submeter-se ao debate dentro dos públicos nacionais e contemplar reparações pelos Estados nacionais. Os debates sobre a situação atual que conduzimos hoje tornam evidente a cisão sempre maior entre os limitados espaços de ação circunscritos aos estados nacionais, de um lado, e os imperativos globais, ou seja, os imperativos econômicos que praticamente não se podem mais influenciar por meios políticos, de outro³.

4.3. Paráfrase (também chamada de citação

conceptual ou citação livre): reprodução em que não se transcrevem as próprias palavras do autor, mas, por outro lado, não se exclui o conteúdo do documento original. No entanto, nem toda paráfrase constitui plágio. É plágio quando há alteração e/ou inversão de ordem de algumas palavras ou frases, sem o reconhecimento da fonte original. A paráfrase não é plágio quando se reconhece a fonte original e são utilizadas as próprias palavras e frases. O texto original, nesse caso, serve apenas de inspiração. Se queremos dizer o que o autor argumenta com nossas próprias palavras, podemos usar os termos: conforme, segundo, de acordo etc. Exemplo de plágio (tendo como base o texto de Fraser citado acima em 4.1):

Como as discussões sobre a justiça normalmente aconteciam no interior dos Estados territoriais modernos, pensava-se que elas dissessem respeito às relações entre cidadãos e, por isso, deveriam se submeter ao debate dentro das arenas nacionais, sendo as reparações proporcionadas pelos Estados nacionais.

4.4. O fato de o texto original estar publicado na internet e ser de conhecimento público não significa que possa ser plagiado.

Aliás, uma das possíveis razões para o aumento de casos de plágio no interior das universidades se deve à facilidade, proporcionada pela Internet, de empregar o recurso conhecido como “copiar e colar”. Esse recurso consiste em selecionar materiais de diferentes fontes e reuni-los num outro texto em que não se faz referência aos autores originais. Em certos casos, o plagiador intercala um texto próprio entre os trechos citados ou intercala trechos de autores distintos (como já mencionado acima, em 4.2); em outros, ele simplesmente “cola” longos trechos de citações, dando a entender que ele próprio escreveu todo o texto.

É preciso saber que muitos professores e leitores são capazes de identificar essa fraude, que mais frequentemente é grosseira, mesmo quando o plágio resulta num texto altamente complexo. Quem praticar o plágio deve estar ciente de que, se a fraude for identificada, muito provavelmente haverá punição. Plágio é crime⁴. Assim, por exemplo, o aluno que plagiar num trabalho poderá e deverá ser reprovado.

³O trecho que se inicia com “Os debates...” até o fim deste parágrafo foi extraído de HABERMAS, Jürgen. (2007), São Paulo, Loyola, p.146.

⁴ Ver <http://www.infoseg.gov.br/arquivos/o-plagio-e-crime>

5. QUESTÕES DE ESTILO

| | |
|---|---|
| 5.1 Expressões condenáveis | Opções |
| • a nível (de), ao nível | • em nível, no nível |
| • face a, frente a | • ante, diante de, em face de, em vista de, perante |
| • onde (quando não exprime “lugar”) | • em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais |
| • (medidas) visando | • (medidas) destinadas a |
| • sob um ponto de vista | • de um ponto de vista |
| • sob um prisma | • por (ou através de) um prisma |
| • como sendo | • suprimir a expressão |
| • em função de | • em virtude de, por causa de, em consequência de, em razão de |
| 5.2. Expressões não recomendáveis | Opções |
| • a partir de (a não ser com valor temporal) | • com base em, tomando-se por base, valendo-se de |
| • através de (para exprimir “meio” ou “instrumento”) | • por, mediante, por meio de, por intermédio de, segundo |
| • devido a | • em razão de, em virtude de, graças a, por causa de |
| • fazer com que | • compelir, constringer, fazer que, forçar, levar a |
| • inclusive (a não ser quando significa “incluindo-se”) | • até, ainda, igualmente, mesmo, também |
| • no sentido de, com vistas a | • a fim de, para, com o objetivo ou intuito de, com a finalidade de, tendo em vista |
| • pois (no início de oração) | • já que, porque, uma vez que, visto que |
| • sendo que | • e |

5.3. Expressões que exigem cuidado

- à medida que = à proporção que, ao mesmo tempo que, conforme
- na medida em que = tendo em vista que, uma vez que
- a meu ver, e não ao meu ver
- a ponto de, e não ao ponto de
- em termos de – modismo; evitar
- até porque – modismo; evitar
- em vez de = em lugar de
- ao invés de = ao contrário de
- enquanto que – o que é redundante
- implicar em – a regência correta é direta, isto é, sem a preposição “em”
- ir de encontro a = chocar-se com
- ir ao encontro de = concordar com
- aonde – não é sinônimo de onde. Usar apenas com verbos de movimento, regidos pela preposição a, como ir e chegar
- Afim, numa única palavra, significa “que tem afinidade, parentesco, analogia: famílias afins, palavras afins.
- A fim de equivale a para, com a intenção de.
- A fim de, com o sentido de estar com vontade de, é coloquial. Não deve ser empregado em textos mais formais.

6. NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA⁵

| | |
|--|--------------------------------------|
| O que muda com o acordo ortográfico ⁶ | |
| Alfabeto: <i>ganha três letras</i> | |
| Antes: 23 letras | Depois: 26 letras; entraram k, w e y |

⁵Veja-se a íntegra do acordo em <http://www.cultura.gov.br/site/2008/11/09/novo-acordo-ortografico-da-lingua-portuguesa-um-conversor-para-facilitar-o-trabalho/>

⁶ Fonte: professor Sérgio Nogueira para www.g1.globo.com

| | |
|--|---------------------------------------|
| Trema: <i>desaparece em todas as palavras</i> | |
| Antes: freqüente, lingüiça, agüentar | Depois: frequente, linguíça, aguentar |
| * Fica o acento em nomes como Müller | |

Acentuação 1 – some o acento dos ditongos abertos **êi** e **ói** das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílabas mais forte)

| | |
|---|--|
| Antes: Européia, idéia, heróico, apóio, bóia, asteróide, Coréia, estréia, jóia, platéia, paranóia, jibóia, assembléia | Depois: Europeia, ideia, heroico, apoio, boia, asteroide, Coreia, estreia, joia, plateia, paranoia, jiboia, assembleia |
|---|--|

* *Herói, papéis, troféu, mantém o acento (porque têm a última sílaba mais forte)*

Acentuação 2 – some o acento no **i** e no **u** fortes depois de ditongos (junção de duas vogais), em palavras paroxítonas

| | |
|---------------------------------|----------------------------------|
| Antes: Baiúca, bocaiúva, feiúra | Depois: Baiuca, bocaiuva, feiura |
|---------------------------------|----------------------------------|

* *Se o i e o u estiverem na última sílaba, o acento continua, como em: tuiuíú ou Piauí*

Acentuação 3 – some o acento circunflexo das palavras terminadas em **êem** e **ôo** (ou **ôos**)

| | |
|---|--|
| Antes: Crêem, dêem, lêem, vêem, prevêem | Depois: Creem, deem, leem, veem, preveem |
|---|--|

Acentuação 4 – some o acento diferencial

| | |
|--|---|
| Antes: Pára, péla, pêlo, pólo, pêra, côa | Depois: Para, pela, pelo, polo, pera, coa |
|--|---|

* *Não some o acento diferencial em pôr (verbo)/ por (preposição) e pôde (pretérito)/ pode (presente). Fôrma, para diferenciar de forma, pode receber acento circunflexo*

Acentuação 5 – some o acento agudo no **u** forte nos grupos **gue, gui, que, qui**, de verbos como *averiguar, apaziguar, arguir, redarguir, enxaguar*

| | |
|--|---|
| Antes: Averigúe, apazigúe, ele argúí, enxagúe você | Depois: Averigue, apazigue, ele argui, enxague você |
|--|---|

Observação: as demais regras de acentuação permanecem as mesmas

Hífen – veja como ficam as principais regras do hífen com prefixos:

| PREFIXOS | USA HÍFEN | NÃO USA HÍFEN |
|--|---|---|
| Agro, ante, anti, arquí, auto, contra, extra, infra, intra, macro, mega, micro, maxi, mini, semi, sobre, supra, tele, ultra... | Quando a palavra seguinte começa com h ou com vogal igual à última do prefixo: auto-hipnose, auto-observação, anti-herói, anti-imperialista, micro-ondas, mini-hotel | Em todos os demais casos: autorretrato, autossustentável, autoanálise, autocontrole, antirracista, antissocial, antivírus, minidicionário, minissaia, minirreforma, ultrassom |
| Hiper, inter, super | Quando a palavra seguinte começa com h ou com r : super-homem, inter-regional | Em todos os demais casos: hiperinflação, supersônico |
| Sub | Quando a palavra seguinte começa com b , h ou r : sub-base, sub-reino, sub-humano | Em todos os demais casos: subsecretário, subeditor |
| Vice | Sempre: vice-rei, vice-presidente | - |
| Pan, circum | Quando a palavra seguinte começa com h , m , n ou vogais: pan-americano, circum-hospitalar | Em todos os demais casos: pansexual, circuncisão |

Bibliografia consultada

BRUNI, José Carlos, & ANDRADE, José A. R. (1989). Introdução às técnicas do trabalho intelectual. Araraquara, Unesp.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO. (1992), São Paulo: Folha de São Paulo, 331p.

O ESTADO DE S. PAULO. (1992), Manual de redação e estilo. 2a. ed. São Paulo, Maltese.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (2009).

LUA NOVA – Revista de Cultura e Política (2009)

SEVERINO, A. Joaquim (2003), Metodologia do trabalho científico. 20a. ed. São Paulo, Cortez.

SHIKIDA, Cláudio (2005), Honestidade acadêmica e plágio: observações importantes. Local de publicação não divulgado.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas, Editora Unesp. Normas para publicações da UNESP (1994), São Paulo, Editora UNESP, 4v., v. 1. Artigos de publicação periódica.

Sites consultados

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.

<http://www.firb.br/abntmonograf.htm>

www2.ifrn.edu.br/.../resenhas_acad%EAmicas_gisele_carvalho.doc

<http://www.plagiarism.org/>

<http://sociology.camden.rutgers.edu/jfm/plagiarism/plagiarism-jfm.htm>

<http://www.indiana.edu/~wts/pamphlets/plagiarism.shtml>

<http://www.admin.cam.ac.uk/univ/plagiarism/students/statement.html>

<http://naogostodeplagio.blogspot.com/>

<http://www.infoseg.gov.br/arquivos/o-plagio-e-crime>

NOVA TERCEIRA IDADE TRANSFORMA A FAMÍLIA, A SOCIEDADE E A POLÍTICA

POR: LUIS RICARDO BÉRGAMO

A população idosa vem crescendo por todo o planeta e isso traz transformações na estrutura da sociedade, da família e das políticas que regulam as relações entre pessoas.

São dois os fatores que causam a predominância da população madura sobre a jovem: a baixa taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida. A fecundidade das brasileiras era de 6 filhos por mulher em 1960. Este quadro se reduz em 60% em 1991, quando a média despenca para 2,5 filhos por mulher. Dados deste tipo colocam o processo de envelhecimento do país entre os mais acelerados do planeta. Segundo o IBGE, em 1940 a parcela com mais de 65 anos representava 2,4% da população. Já no Censo de 1991, o número salta para 4,8%. A expectativa de vida aumentou graças aos avanços tecnológicos na manutenção da saúde e da melhoria das condições de vida (acesso a água potável e a rede de esgoto). Seguindo estes números, a projeção é de que em 2020 a população com mais de 60

anos chegue a 13% e que a expectativa de vida brasileira alcance 70,3 anos.

Há no Brasil uma modificação na estrutura da pirâmide etária, que estreita sua base, já que os nascimentos diminuem e seu topo se alarga, com o aumento da expectativa de vida. Essa transformação na composição da pirâmide etária já vem causando modificações sociais e políticas desde os anos 70 do século XX, quando se identifica pela primeira vez o uso da expressão **terceira idade**. Este termo, usado para designar o grupo de adultos que chega a um determinado momento da vida, o envelhecimento, aparece pela primeira vez na França com as *Universités du T'roisième Âge* (Universidades da Terceira Idade).

A professora Guita Grin Debert, do Departamento de Antropologia da Unicamp, doutora pela FFLCH, diz que “A invenção da terceira idade é compreendida como fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice: durante muito tem-

po considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transformou em questão pública.” Há então, nesse momento histórico uma dualidade: por um lado, se festeja o ganho de mais anos de vida e consequentemente, comemora-se o progresso científico e a melhoria da qualidade de vida; por outro, teme-se o inchaço do sistema de previdência.

O conceito de terceira idade é construído coletivamente por uma série de práticas e atores. O envelhecimento é comum a todos, mas as relações que dele decorrem dependerão das sociedades e épocas. Para Debert, “é próprio dos Estados Modernos transformarem a idade cronológica em um mecanismo fundamental na atribuição de direitos e deveres da cidadania: a entrada e a saída do mercado de trabalho, a entrada nas instituições de educação, o direito ao voto são exemplos importantes desta transformação e do modo pelo qual os ideais de liberdade, igualdade e cidadania estão estritamente ligados à idade cronológica”. Cabe ilustrar que no Brasil do final do século XIX, por exemplo, os direitos e deveres dos indivíduos eram marcados por seu nascimento (se era homem ou mulher, se escravo ou livre, se nobre, burguês ou plebeu) e não apenas pela faixa etária como é hoje.

Mais do que designar um grupo de pessoas em determinada idade, o termo terceira idade nos fala de uma nova concepção do envelhecimento, onde os indivíduos estão libertos de obrigações com o trabalho e a família e podem enfim se dedicar a atividades que ficaram em segundo plano em outras etapas da sua vida. Para Debert, é uma época tida como apropriada para “explorar novas situações, travar novas amizades e ampliar seus horizontes com novas experiências intelectuais – como é a oferta nas universidades para a terceira idade – e também afetivas.”

A terceira idade deixou de ser uma etapa de descanso e repouso individual para se tornar também uma idade ativa, seja profissional ou no âmbito familiar. Os números do IBGE do Censo de 2000 reforçam a importância da terceira idade, cerca de 62,4% das famílias são chefiadas por homens com mais de 65 anos. Soma-se a esse dado, as mulheres idosas, que chefiam 37,6% das famílias. Ainda segundo o IBGE, 54,5% dos idosos chefes de família vivem com os seus filhos e os sustentam.

Outros termos como **melhor idade** ou **idade do lazer** são usados hoje para designar também as populações envelhecidas. Trata-se de uma positivação dos chamamentos, identificando assim a assimilação social do processo do envelhecimento, onde considera-se também os ganhos que o avanço da idade nos traz e não somente as perdas. Além disso, o dinheiro dos aposentados hoje oferece um incremento para o mercado e o surgimento de novos horizontes profissionais para atender as demandas da população da terceira idade.

É no sentido de regulamentar estas novas atividades sociais e profissionais que surgem em torno da terceira idade novas políticas públicas destinadas aos cidadãos envelhecidos. O ponto alto deste processo no Brasil é o Estatuto do Idoso, que entrou em vigor em 2004, e consiste num conjunto de normas que regulam e estabelecem direitos para a terceira idade. O Estatuto marca em 60 anos a entrada oficial na terceira idade e prevê, entre outros, a reserva de assentos e gratuidade no transporte público urbano, prioridade na tramitação de processos e ações judiciais e desconto de 50% em atividades culturais, de esporte e lazer. Para Debert, “sem dúvida o Brasil está em sintonia com o que é feito nos países da Europa e na América do Norte para a população que tem autonomia funcional e pode participar dos programas para a terceira idade. Mas estamos muito atrasados no que diz respeito aos velhos que perdem a autonomia funcional e requerem serviços mais especializados. A legislação brasileira é, certamente, avançada e o melhor exemplo é o Estatuto do Idoso. Mas a criação de iniciativas capazes de garantir a implementação do estatuto é bem mais complicada.” O Estatuto deixa a cargo dos Conselhos Nacional, Estadual e Municipais do idoso e do Ministério Público, a fiscalização e controle da aplicação dessas normas.

Fonte: Guita Grin Debert é professora livre docente do Departamento de Antropologia da Unicamp. Doutorado em Ciência Política, pela FFLCH.

Fonte: Artigo usado para a composição desta matéria: “**Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade**” - Guita Grin Debert

ROGER CASEMENT NO BRASIL

POR: RAFAEL KOPKO



Roger Casement, cônsul britânico no Brasil de 1906 a 1913, foi um dos grandes nomes na luta pela unificação e pela independência da Irlanda. Executado em 1916, após ser considerado culpado nas rebeliões que ocorreram pela independência, teve um papel muito diferente nos anos anteriores de sua vida quando ainda cônsul britânico, percorrendo o mundo denunciando crimes contra a humanidade.

Estudos sobre suas correspondências, oficiais e não-oficiais, ainda são importantes nos dias atuais, apesar de um século de diferença, por marcarem o início dos pensamentos dos direitos humanos num mundo ainda racista que avalia as pessoas como meras mercadorias. Ainda sobre seus manuscritos, pode-se encontrar toda uma significação sobre a política da América do Sul no início do século XX.

Hoje em dia, cem anos após suas viagens, seus temas continuam atuais, como escravidão, trabalhos compulsórios e lutas pelos direitos humanos. Em uma conversa com o Professor Angus Mitchell, autor do livro “Roger Casement no Brasil – A borracha, a Amazônia e o mundo atlântico – 1884-1916” (Editora Humanitas), foram discutidos alguns pontos da estada de Roger Casement no Brasil e alguns pontos de sua vida e de sua trajetória.

O professor explica que nas colônias daquela época havia um “novo modo” de escravidão, um novo modo de trabalho compulsório, dessa vez aplicado aos índios. Usando como exemplo as ilhas de São Tomé e Príncipe, colônia de Portugal, o professor pontua que mais de 90 mil pessoas foram enforcadas na época, durante o ciclo do cacau.

Esse “novo modo de escravidão” foi também

notado na administração do rei Leopoldo II no Congo. Roger Casement recebeu a ordem de fazer uma viagem ao Alto Congo para investigar e reportar oficialmente a situação ao governo britânico. Durante essa visita, descobriu um sistema extremamente violento contra os nativos da África central, que eram torturados e tinham seus membros mutilados caso não conseguissem extrair a parcela mínima de borracha estipulada pelas empresas. Sua investigação atraiu esforços de alguns ativistas, como Edmund Dene Morel, jornalista britânico que escreveu artigos altamente críticos sobre a política econômica do comércio oeste africano. Isso, somado aos relatórios de Casement, surtiu efeito na criação de um grupo de apoio pelos direitos humanos dos povos africanos.

Essa forma de trabalho escravo acontecia também no Brasil durante o ciclo da borracha e foi notada na visita de Roger Casement em 1910. O professor Angus pontua que “cerca de 40% da receita Federal vinha da exportação da borracha” e Roger Casement, por ser o cônsul da Grã-Bretanha no Brasil, foi designado para, novamente, investigar as acusações de escravidão, dessa vez no norte da Amazônia, nas áreas de extração de borracha. O professor coloca que o relatório enviado por Casement para o governo britânico em 1912 contribuiu para a queda do ciclo da borracha, juntamente com o aumento da sua cultura na Ásia, com uma maior extração, e sem os indícios de morte, tortura e escravidão, existentes no norte brasileiro.

Segundo o professor, os relatórios vão mais fundo do que somente a economia da borracha no Brasil. Há

um forte descontentamento com a classe média brasileira, principalmente nos polos socioculturais, que alienados pelo consumismo da época, não sabia exatamente o que ocorria nas fronteiras brasileiras, em guerra com os índios da região. Casement entendia que a sociedade colonial do Brasil estava construída por alguns fatores decisivos, como os séculos de conquista e exploração do governo português, a contínua guerra fronteiriça, a escravidão e os ciclos de extração de recursos naturais. O professor ainda afirma que a visão de Casement sobre a extração desses recursos naturais como algo prejudicial é muito avançada para a época.

Apesar dessa amargura e visão de uma sociedade alienada, Roger Casement via com bons olhos os povos indígenas sul-americanos que, ainda sob o regime de trabalho compulsório, guerreavam por sua liberdade e vida. É nesse contexto que no ano de 1913, em Santos, escrevendo para sua amiga e confidente Alice Stopford Green, reflete a respeito de sua experiência no Congo:

“Percebi, então, que estava vendo essa tragédia com os olhos de outra raça – de um povo outrora também caçado, cujos corações estavam baseados no afeto, como princípio fundamental de contato com seus compatriotas, e cuja estimativa de vida não era algo a ser eternamente avaliada por seu preço de mercado.”

Esses ideais fazem-no agir ativamente por uma Irlanda autossuficiente e independente. Assim, ao voltar à África no final de 1913, Roger Casement pede demissão do gabinete britânico de relações exteriores e se envolve mais com a crise política da Irlanda. Em 1914 conspira com outros revolucioná-

rios e contrabandeia armas para Dublin.

Na mesma época eclode um dos mais sangrentos embates da história, a Primeira Guerra Mundial. Seu estopim, a morte do arquiduque Ferdinando da Áustria em 28 de junho de 1914, coincide com o discurso de Roger Casement para a brigada dos Voluntários Irlandeses de Antrim.

Nos anos seguintes, sob vigilância das agências britânicas de inteligência, viaja para a Escócia, América e Alemanha. Nessa viagem negocia com o chanceler alemão que, assim que a guerra chegasse ao fim, a Irlanda se tornaria um país independente. Além de recrutar prisioneiros de guerra irlandeses para uma brigada.

Ao voltar para a Irlanda em 1916 à bordo de um submarino alemão, é capturado e preso num forte medieval na costa sudoeste da Irlanda. Após tentativas de resgate de seus aliados, é transferido secretamente para a Inglaterra, interrogado e preso em Londres. Com isso, apesar de suas tentativas fracassadas de se comunicar com seus aliados, a rebelião é suprimida.

Com o passar do tempo e dos inúmeros esforços de sua extensa rede de contatos, Casement é julgado em apenas quatro dias e considerado culpado por alta traição na Corte da Justiça Real.

Roger Casement foi o décimo sexto líder irlandês a ser executado pela participação na tentativa de independência. É executado, à despeito dos esforços e pressão internacional, no dia 3 de agosto de 1916, assim deixando seu legado de acusações de crimes contra a humanidade e tentativas de liberdade.

MORTE COM HUMOR: PROFESSOR ELIAS THOMÉ SALIBA COMENTA AS CHARGES SOBRE BIN LADEN

POR: LUIS RICARDO BÉRGAMO E RAFAEL KOPKO

Introdução:

A morte de Osmá bin Laden (1957 - 2011), anunciada no dia primeiro de maio, suscitou as mais diversas manifestações, como era de se esperar. Considerado pelo governo estadunidense como o principal responsável pelos atentados aos EUA ocorridos em 11 de setembro de 2001, oferecia-se US\$ 25 milhões como recompensa pela sua captura.

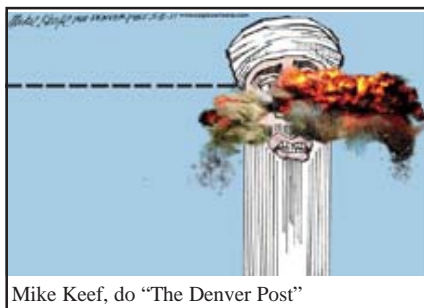
Além das reações de apoio ao governo norte-

americano ou, por outro lado, do repúdio ao assassinato sem julgamento de Bin Laden, o fato gerou outras manifestações, inclusive de cunho humorístico. Seleccionamos algumas charges produzidas por veículos de comunicação e sites de notícias que foram veiculadas logo após a informação sobre sua morte, compreendendo a semana de 2 a 6 de maio de 2011.

Solicitamos ao Professor do Departamento de His-

tória, Elias Thomé Saliba, que estuda a temática do humor, autor do livro “As raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira” (Editora:

Companhia das Letras), que analisasse algumas dessas charges e nos falasse sobre essa forma concisa de informar por meio de desenhos, que é a charge.



Mike Keef, do “The Denver Post”



Adam Zyglis, do “The Buffalo News”, satiriza o “Yes, we can”, slogan de Obama



Olle Johansson, Suécia.



Rob Tornoe. Na figura, o soldado pergunta “Acha que nós vamos sair do Afeganistão agora que matamos Osama Bin Laden?”, o outro responde “Claro, assim como saímos do Iraque depois que matamos Saddam.”

TEXTO DO PROFESSOR ELIAS THOMÉ SALIBA

As recentes piadas gráficas sobre a morte de Osama bin Laden são quase que estritamente referidas às pautas ou contextos editoriais de jornais, revistas ou sites nos quais foram publicadas. Como todas as caricaturas, expressam, no geral, de maneira condensada e acessível algo que os leitores já sabem ou, acabam de saber, pela leitura das notícias mais recentes. Algumas tratam de questões políticas complexas aplicando de tal forma os instrumentos da síntese gráfica que reduzem tais questões a imagens muito simples, quase infantis. Um delas, por exemplo, sugere a ambiguidade do posicionamento político do Paquistão em relação ao terrorismo da Al Qaeda; outra faz uma leitura literal da afirmação de que Bin Laden era um braço da Al Qaeda – só que representando esta última na colossal escala de um dinossauro; ou ainda, uma outra que modifica o bordão da campanha de Barak Obama para “Agora eu finalmente posso” adaptando-o ao desenho tumular. A série aí apresentada não é lá grande coisa em termos de piadas gráficas, talvez por não se mostrarem capazes ainda de um certo distanciamento do episódio. Mas, por certo, outras

virão para ilustrar, com engenho e a arte da condensação caricatural, este rumoroso episódio da perversa história do século XXI.

Porque mesmo sem palavras - tiras, charges, caricaturas e cartuns são narrativas da história. Recebendo seu batismo com a imprensa moderna, humoristas, caricaturistas, cartunistas, chargistas – todos aqueles desopilantes por profissão - aplicaram sua vocação em produzir milhares de estampas efêmeras, criando um espaço cheio de traços e desenhos alegres que divertiam – e ainda divertem - os leitores cansados do acúmulo verbal do noticiário sério. Nunca podemos esquecer que, como toda produção humorística, as piadas gráficas são feitas para provocar o riso. Mas é um riso que, não raro, provoca algumas cócegas no cérebro.

Datadas e nascidas para serem lidas no contexto do jornal ou da revista, é certo que perdem muito quando isoladas do seu tempo. Mas como a piada gráfica maneja aquela espécie de código não-escrito das sociedades, vai muito além da notícia ou manchete diária ou semanal. É um lampejo de minutos – mas de minutos que valem por décadas de história, pois iluminam, através de padrões cômicos bem fi-

xados, o que há de mais fundo no nosso imaginário. É talvez o riso mais simples de todos, pois nasce daquela súbita dimensão de materialidade da piada prática: puxar a cadeira quando alguém vai sentar-se; postar-se em frente ao espelho que nos deforma e nos achata; ou escorregar numa casca de banana - a vítima passa subitamente, de pessoa de grande importância a um corpo inútil sujeito às leis da física. Parte da força do desenho gráfico vem desta antiguidade da *gag* primitiva que o historiador da arte Ernst Gombrich chamou de “arsenal do cartunista”: o contraste agudo entre o claro e o escuro, o belo e o feio, o grande e o pequeno. Alguns recursos da produção das piadas gráficas são até mais facilmente apreensíveis às crianças, em geral, como, por exemplo, a fusão de figuras - pela personificação - e o contraste abrupto através do jogo de escalas - também de uso muito disseminado em fábulas e desenhos animados.

É difícil encontrar um ser humano que não consiga entender o mundo – rapidamente e para melhor

acomodar-se a ele - através do ângulo burlesco destas simples metáforas emocionais. Daí também a dificuldade do analista ou do historiador para analisar a especificidade do humor gráfico, pois tem de captar os dois planos: o efêmero e o ocasional, que se liga à compreensão rápida daquela conjuntura – e o mais longo, que ativa as emoções do público, ligando-o àquela compreensão mais primitiva que, afinal é parte importante dos códigos culturais das sociedades.

Pesquisas neurológicas – ainda em curso – têm mostrado que quando rimos, ativamos uma parte mais antiga de nosso cérebro. O que reafirma a frase clássica de Aristóteles - “O homem é o único animal que ri” – só que, agora, um pouco modificada por Millôr Fernandes, que completa: “... e é rindo que ele mostra o animal que é.”

Fonte: Elias Thomé Saliba é professor titular do Departamento de História, FFLCH-USP e autor, entre outros, de *Raízes do Riso* (3ª. ed. Cia. das Letras).

ENTREVISTA

A RECICLAGEM COMO FORMA DE GERENCIAR O LIXO: ENTREVISTA COM O PROFESSOR WAGNER COSTA RIBEIRO

POR: LUIS RICARDO BÉRGAMO

Temos hoje conhecimento suficiente para entender que há mais de um motivo para a reciclagem do lixo. O primeiro que podemos destacar é o argumento ambiental, que diz respeito aos poluentes que o lixo queimado lança no ar, ou então, aos detritos que contaminam o lençol freático. Outro ponto a ser focado, quando se fala de lixo, são os lixões, insalubres, que além de tomar espaços cada vez maiores nas cidades, são também causadores de doenças. Somente 18% dos municípios brasileiros dão destino correto ao lixo.

Há ainda as argumentações mais refinadas, como por exemplo, considerar o lixo como matéria-prima em estado transformado, ou seja, possível de ser reutilizado. Nessa argumentação, o lixo jogado fora seria um desperdício de dinheiro, um prejuízo não

só para o ambiente, mas para a economia, que deixou de reutilizar aquele material descartado, para extrair mais material da natureza. Portanto, um duplo prejuízo, financeiro e ecológico.

Desde que as populações mundiais, a partir da década de 70 do século XX, tomaram consciência dos diversos problemas que o lixo, doméstico e industrial, causam, medidas vêm sendo tomadas no sentido de minimizar as consequências de seu acúmulo. A reciclagem é uma possibilidade concreta para gerenciar os resíduos sólidos porque gera algum lucro, mas ainda está longe de ser chamada de atividade lucrativa do ponto de vista das receitas das prefeituras. É preciso ressaltar que usar materiais reciclados na produção barateia os custos do pro-

duto, uma vez que consome menos água, menos energia e gera menos impacto ambiental, tanto na fonte de matéria-prima quanto no descarte em lixões. Porém, a reciclagem não é a principal solução para os lixos das cidades, ela é parte de um processo. Não adianta reciclar se não há um mercado para o reaproveitamento desses materiais.

O lixo do Brasil é disposto a céu aberto, pouco mais de 80% das cidades não têm aterros adequados. A maior parte deste volume, 60%, é de lixo domiciliar e as Prefeituras são as responsáveis pela coleta e destinação. Já o lixo industrial, por lei, é de responsabilidade da própria empresa que o gerou.

Anualmente a cidade de São Paulo, que começou tardiamente sua história da reciclagem, em 1989, gera 3,6 milhões de toneladas de lixo domiciliar. As leis que regulam e gerenciam o lixo estão no Plano de Gestão de Resíduos Sólidos, de dezembro do ano passado. A meta do Plano, que considera o manuseio inadequado do lixo como crime ambiental, é erradicar os aterros sanitários até 2015. Isso coloca as Prefeituras em estado de alerta, porque a reciclagem exige alta quantia de investimentos e, por enquanto, sua rentabilidade. A venda de materiais reciclados deixa a desejar, não cobrindo os custos de coleta, transporte e processamento envolvidos. Segundo estimativas, para cada US\$ 10 investidos em reciclagem, há um lucro de US\$ 1,30. Porém, ressaltamos que nesse cálculo não estão computados outros fatores que decorrem do descarte inadequado do lixo, como por exemplo, o dinheiro gasto no tratamento das doenças causadas pelos lixões. Há de se contabilizar também outros fatores, como a economia de energia, matéria prima e água, já citadas, além da geração de empregos para as populações de baixa renda. Por hora, a reciclagem carece de um estudo abrangente que contabilize seus ganhos e perdas de forma multidisciplinar e macroeconômica. Os atuais estudos da matéria contabilizam as receitas das prefeituras sob a ótica da viabilidade econômica.

Há ainda a se considerar a desinformação, geradora de uma confusão de conceitos, onde a coleta seletiva é confundida com reciclagem. Coleta seletiva é uma parte do processo de reciclagem. Para maiores explicações sobre os conceitos envolvidos no processo de reciclagem e outras formas de se lidar com os resíduos sólidos, conversamos com o Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro, do Departamento de Geografia.

Informe: Professor Wagner, qual a diferença nas terminologias: “lixo” e “resíduos sólidos”?

WCR: A palavra “lixo” é de uso corrente para designar o que é descartado e é associada ao material de uso domiciliar, em geral; enquanto resíduos sólidos urbanos é uma expressão mais abrangente pois soma os resíduos domiciliares, comerciais, industriais, de saúde e de varrição de ruas.

Informe: Apuramos que há dois destinos possíveis para o lixo, a reciclagem e a produção de energia, além do aterro sanitário. Por favor, há outra possibilidade de uso para o lixo?

WCR: O material reciclável não é lixo. Sempre que for reaproveitável ou reciclável não é lixo. Ele se torna “lixo” (resíduo), quando não é mais possível ser incorporado ao uso. Por isso é muito importante ter um sistema de coleta de materiais recicláveis que devem ser dispostos pela população para novo aproveitamento. A produção de energia decorre da queima do resíduo e pode trazer problemas de saúde, como a liberação de dioxina e furano, substâncias cancerígenas. Os aterros são o destino final dos resíduos e, atualmente, passam a ser foco de mineração, ou seja, já existem empresas que exploram o aterro para conseguir capturar material que possa ser reincorporado no processo de produção.

Informe: Gostaria de pedir que o senhor explicasse a reciclagem e como é esta atividade no Brasil?

WCR: No Brasil ainda não avançamos na reciclagem de materiais, à exceção da lata de alumínio, na qual o país é o principal reciclador do mundo. De modo geral e esquemático, temos três etapas: a coleta do material, seja por postos de entrega voluntária, nos quais a população deposita diretamente o material, seja pela coleta porta a porta; a separação do material, momento que exige conhecimento para agrupar corretamente os diversos tipos de plástico, de vidro e de papel, por exemplo; e a terceira, que é a reintrodução do material no processo produtivo, o que permite economizar água e energia, além de diminuir a necessidade de buscar mais material na natureza, o que contribui para sua conservação. Temos diversos agentes envolvidos nesse processo. O estado, que deve organizar a coleta, os catadores, que eventualmente participam da coleta mas que têm como função central separar e organizar o material para venda, os atravessadores que fazem a ponte entre os catadores

e os recicladores, salvo quando existem uma cooperativa de catadores, que vende diretamente aos recicladores.

Informe: Gostaria de pedir para o senhor explicar a produção de energia a partir do lixo e como esta atividade se caracteriza no Brasil.

WCR: Basicamente temos a queima do metano que é gerado pela presença de matéria orgânica acumulada no lixo brasileiro. Essa queima gera vapor que movimenta uma turbina, o que resulta em energia elétrica.

Informe: Em dezembro de 2010, o Brasil criou o Plano de Resíduos Sólidos, que estabelece a meta de erradicar os LIXÕES do país até 2015. Esta é uma meta possível de ser cumprida? O país tem estrutura para esta modificação? Se não, o que falta ao país?

WCR: A Política representa um avanço importante pois incluiu os catadores no processo, o que lhe confere um caráter de inclusão social. Muitos muni-

cípios não tem capacidade técnica de operacionalizar a coleta nos termos propostos, por isso deve ser necessário criar consórcios municipais para melhor realizar a coleta e destinação final do material.

Informe: É possível dizer que a civilização caminha para uma crise ecológica? Poderia caracterizar essa crise?

WCR: O desequilíbrio brutal no acesso e uso de recursos naturais caracteriza uma grave crise ambiental. É preciso discutir e mudar radicalmente o uso de recursos energéticos e materiais para que uma maior parcela da população do planeta possa usufruir das inovações técnicas presentes em nossos dias.

Fontes:

Grippi, Sidney. *“Lixo, reciclagem e sua história: guia para as prefeituras brasileiras”*. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

Calderoni, Sabetai. *“Os Bilhões Perdidos no Lixo”*. São Paulo: Humanitas, 2003.

HOMENAGEM

DAVI ARRIGUCCI JR.: AS ARMAS DA CRÍTICA

LINCOLN SECCO
(PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA FFLCH - USP)

No dia 19 de maio de 2010, a nossa “Faculdade de Filosofia” da USP fez de Davi Arrigucci Jr. o seu Professor Emérito.

Costuma-se dizer que o aprendiz não apresenta o mestre. Especialmente o ex-aluno que, deixadas as veredas da crítica, fez-se modesto historiador. Por isso, registro simples lembranças de um aluno de dezessete anos de idade.

Lembro-me ainda hoje, com espanto, de todas as lições proferidas por Davi Arrigucci Jr. em 1987. Começávamos pelas determinações mais simples. Para os alunos de primeiro ano do curso de Intro-

dução aos Estudos Literários era reconfortante iniciar pelo significado lexical dos termos que desconhecíamos. Em seguida, a trajetória do autor estudado, as ressonâncias estéticas e as armas da crítica. Voávamos de Aristóteles a Longino, de Auerbach a Mattoso Câmara Jr.

De repente, a historicidade, o momento do percurso que mais me intrigava. Ao ler o “Áporo” de Drummond, eis que “em país bloqueado” o inseto “presto se desata”. Prestes? Indagava o professor enigmático. Enquanto alguns pensavam no inseto como a velha toupeira do comunismo, eis que eram

interditados pela formação lingüística da obra e sua pluralidade de sentidos.

O nosso professor era o mestre das mediações. A viagem de retorno das abstrações mais distantes do pensamento comum finalizava com a descoberta: o universal reside no particular. Por isso, a simples chegada de João Gostoso *no bar* Vinte de Novembro abria um mundo. Por que *no bar* e não *ao bar*? Era a poesia se libertando das convenções do passado parnasiano. Desvelado, o verso livre nos emocionava. Como encontrar a Hybris, o descomedimento, no suicídio de um pobre diabo tirado de notícia fugaz de jornal?

Igualmente nos deparávamos com a ambigüidade de uma única sílaba tônica: o advérbio ou adjetivo “só” (do “Poema só para Jaime Ovalle”). Era a exclusividade do destinatário da poesia ou a solidão irreparável do eu poético? A sonoridade e o ritmo do boi Morto, as oclusivas linguodentais de Pneumotórax... Tudo encantava os que ouviam as aulas nas Colméias da Cidade Universitária. *Ubi sunt?*

Embora lêssemos o poema *em-si*, sujeito à mais rigorosa análise interna, as aulas desvendavam o seu caráter problemático e nos conduziam à reflexão social e histórica sem a qual não se poderia compreendê-lo como forma particular.

O estudo do poema também nos remetia à histó-

ria literária. Para alunos ainda adolescentes, era insólita a descoberta de Dante Alighieri em “O Cacto” de Manoel Bandeira. E lá íamos ler a história de Ugolino e os filhos esfaimados.

Recordo-me que exatamente no estudo daquele tema, um aluno criticou exaltado o professor. Houve uma altercação, e o aluno, que era bem mais velho do que nós, saiu irado e abandonou o curso. Que lugar! Pensava eu, em que um aluno ataca o professor, e este se apega a um verso como taboa de salvação: “*Poscia, più che il dolor, poté il digiuno.*”

Outro curso, e descobríamos Lukács, a *forma romance*, “o herói solitário em busca de valores autênticos num mundo desgarrado”. E cotejávamos a solução “burguesa” do nosso Bentinho com o destino trágico de Otelo.

Em 1988 desatou o mestre a falar no ritmo de Riobaldo. Do oximoro: “Zé Bebelo, raposa que demorou”. Da carta de Nhorinhá que teria mudado o destino. Mas, inesperado, Guimarães Rosa revelava *en passant*: “homens de Prestes”. E eis as paixões políticas que me fizeram abandonar o “comentário, a análise e a interpretação”.

As aulas do mestre ainda ecoam em meus ouvidos. Afinal, para a maioria daqueles jovens, é como se fosse o nosso primeiro alumbramento.

EVENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MATÉRIA CAVALEIRESCA REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA FFLCH PARA OS ESTUDOS MEDIEVAIS

POR: LUIS RICARDO BÉRGAMO



Cavaleiros; princesas; reis mortos que um dia supostamente voltarão para salvar a pátria; a busca da honra e da felicidade através do amor... todas essas “aventuras” foram revisitadas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) em apenas dois dias,

09 e 10 de maio, no *Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca*.

A Cavalaria é uma instituição de sentido militar: é formada antes de tudo por guerreiros, que têm a função profissional de combater. Mas este sentido não é o único e logo a ele se agrega um outro, assim que a nobreza lhe confere sua ideologia de “heroísmo” e de realização dos grandes feitos de armas. Com a absorção do tema pela literatura de

ficção, novas direções se abrem, como a “espiritualização” do combatente. *A Demanda do Santo Graal* é um marco nessa trajetória, divulgando para o mundo a história do Rei Arthur e de seus vassallos, obra de autoria anônima com várias ramificações pela chamada “matéria de Bretanha”.

Até há um certo tempo era comum pensar a Idade Média como “período de trevas” para a história do pensamento e das artes; mas segundo Geraldo Augusto Fernandes, secretário do *Congresso* e professor de Literatura e Produção de Texto da Universidade 9 de Julho, o longo espaço de tempo (séculos V-XV) deve ser entendido como época de intensa transformação. Por exemplo, é no século XIII (por volta de 1200) que surgem as primeiras Universidades; a de Coimbra, em Portugal, uma das dez mais antigas do mundo, foi inaugurada em 1290. E mais além, na Península Ibérica renascentista, o ciclo das grandes Navegações, possibilitando a expansão do Império colonial português, continua o mesmo tema medieval da “aventura”, agora “por mares nunca dantes navegados”, segundo os versos célebres de Camões. Esta reelaboração, em novo registro, do velho tema reflete-se nas obras literárias do período - a Cavalaria cantada em verso e prosa.

O *Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca* nasceu da ideia de homenagear um dos principais estudiosos de Literatura Portuguesa no país, o professor aposentado da FFLCH, Dr. Massaud Moisés. Além disso, o evento foi uma oportunidade ímpar de reunir pesquisadores do assunto: o *Congresso* recebeu cerca de 90 palestrantes – metade estrangeiros - e teve quatro conferencistas convidados: um espanhol, um francês, um português e um brasileiro.

Coordenaram o *Congresso*, do lado brasileiro, as professoras da FFLCH Lênia Márcia Mongelli (Coordenação Geral), Adma Fadul Muhana e Lilian Jacoto; do lado internacional, Aurelio Vargas Díaz-Toledo, do Centro de Estudos Cervantinos e Universidade de Alcalá de Henares (Espanha), e Isabel Adelaide P. D. L. Almeida, da Universidade de Lisboa (Portugal).

Para entender melhor a importância do evento e a relação da FFLCH com os estudos medievais, entrevistamos a Professora Mongelli, que discorre um pouco sobre o trabalho do professor Massaud Moisés, sobre os principais temas cavaleirescos e oferece algumas sugestões importantes para quem se interessa por Cavalaria e pretende seguir na “aventura” de saber cada vez mais.

Informe: Professora Mongelli, qual a importância para a USP e a FFLCH de homenagear o Prof. Massaud Moisés?

Lênia Márcia Mongelli: O Professor Dr. Massaud Moisés tem uma brilhante carreira de pesquisador, sediada na Universidade de São Paulo, mais especificamente na FFLCH, por mais de 50 anos. Na primeira etapa dela, defendeu o Doutorado, em 1954, aos 25 anos de idade, com tese em torno do *Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira da Vasconcelos, uma das novelas de cavalaria do Quinhentismo português. Acerca deste trabalho, importa ressaltar dois aspectos:

- 1) o Professor Massaud sempre advogou pela importância de remontar às raízes, às fontes, tanto da Literatura Portuguesa como da Brasileira - em respeito às nossas origens comuns, mais do que luso-brasileiras, ocidentais. Preocupado com um conceito deformado de “modernidade” excessivamente centrado nos séculos XIX e XX - de atrativos mais imediatos - em detrimento do Passado que os constitui como coisa ainda Presente (raciocínio que vale para qualquer período histórico em qualquer momento), nunca deixou de refazer, em seus cursos, a “trajetória” de escritores e de movimentos - atrás de “identidades”, ora próximas, ora muito mais recuadas do que se supõe. Por isso, sempre sugeriu à sua equipe de “assistentes” uma de suas ponderações memoráveis: “procurem fazer ‘rodízio’ na escalação das aulas a serem ministradas, evitem trabalhar *ad semper* com mesmos autores, obras e períodos, busquem compreender as dimensões de uma literatura dos primórdios à realidade nossa contemporânea: nada se explica num estalar de dedos... “;
- 2) fornecendo ele próprio o exemplo, mergulhou fundo nas novelas de cavalaria portuguesas, escrevendo com regularidade sobre a *Demanda do Santo Graal*, a *Crônica do Imperador Clarimundo*, o *Palmeirim de Inglaterra*. Dessa época é um seu artigo que até hoje rende frutos em Portugal e Espanha (“A novela de cavalaria portuguesa - Acheva bibliográfica”), por ter tornado pública a listagem de vários manuscritos de novelas então inéditas, tanto na Torre do Tombo quanto na Bibli-

oteca Nacional de Lisboa, abrindo importante caminho para futuros investigadores, como os que hoje se reúnem no Centro de Estudos Cervantinos da Universidade de Alcalá de Henares.

Aliás, um desses investigadores - Dr. José Manuel Lucía Megías - foi quem abriu nosso Congresso e referiu, em sua fala, justamente a importância desse trabalho pioneiro do Professor Massaud.

Informe: Qual a colaboração do Prof. Massaud para o campo dos estudos medievais?

LMM: Ele sempre defendeu a volta ao Passado para entender o Presente e teve a lucidez, muito precoce, de começar por estudar as novelas de cavalaria - tão afins de nosso momento brasileiro de “descoberta” em 1522. “Aventurar-se” no mar tem uma enorme conotação “cavaleiresca”. Tal defesa das “fontes” está palpável em quase tudo o que o Professor publicou, quer no âmbito da Literatura Brasileira - vejam-se, por exemplo, seus trabalhos sobre o período colonial - quer no âmbito da Literatura Portuguesa - também para ficar com um único exemplo, leia-se seu estudo crítico sobre *A Arte de Trovar*, um dos “manuais” teóricos sobre a refinadíssima retórica dos trovadores galego-portugueses. Mais recentemente, em um belo e internacionalmente reconhecido trabalho, Massaud Moisés examinou o fenômeno heteronímico de Fernando Pessoa em paralelo com as *cantigas de amigo*, onde, segundo ele, se manifesta pela primeira vez o desdobramento da “máscara” autoral.

Informe: Quais são os principais temas cavaleirescos?

LMM: Impossível responder a pergunta tão ampla em tão curto espaço. Porém, podemos relevar, talvez como primeira marca importante, o espírito heroico das “aventuras”, formulação em que cada um dos termos tem sentidos específicos: o heroísmo está ligado a toda uma tradição épica, que passa pelas epopéias antigas e pelas canções de gesta, e “aventurar-se” tem, até etimologicamente, várias nuances e ramificações. Temos que acrescentar, ainda, a época em que se situa qualquer obra que trate do tema: “aventurar-se” no século XII é uma coisa e no XVI, outra; “aventurar-se” em uma novela de teor satírico-burlesco tem um intuito, enquanto é outro o “aventurar-se” em uma novela

de teor cristão-moralizante. Há que ter muitíssimo cuidado com as generalizações.

Por isso, talvez a mais contundente lição que as novelas de cavalaria nos dão seja a do esforço para conseguir chegar a bom termo em qualquer “demanda”. Vencer obstáculos, lutar por objetivos, empregar nisto talvez a vida inteira - como fizeram Galaaz, Clarimundo, Palmeirim e tantos outros - é modelo decididamente transcultural.

Informe: Em que locais da nossa cultura atual podemos encontrar princípios cavaleirescos?

LMM: O *Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca* encerrou-se com uma fala da Professora Jerusa Pires Ferreira sobre “A cavalaria em cordel” e, após ela, apresentou-se o conhecido músico e professor Antônio Nóbrega, com o espetáculo “Romanceiro de cantos e danças”. Ambos, cada um em sua linguagem, mostraram a presença maciça das novelas de cavalaria em nossa cultura popular - de forma mais evidente no Norte e Nordeste, mas não menos marcante no sul do país. Por exemplo, o Nóbrega cantou um lindíssimo “romanzo”, colhido ao vivo, oralmente, de uma “cantadeira” de Santa Catarina.

Pense-se no “movimento Armorial”, de Ariano Suassuna (de que o Nóbrega é herdeiro), e na sua magnífica recriação novelesca que é *A Pedra do Reino* - uma das mais extraordinárias obras da Literatura Brasileira de extração cultural erudita-popular.

Informe: Sobre o fato de o evento internacional acontecer na FFLCH, qual a importância para a Faculdade?

LMM: Em primeiro lugar, eu gostaria de ressaltar o apoio total da FFLCH ao *Congresso*, desde o início, quer na presença generosa de sua Diretora, Dra. Sandra Margarida Nitrini, quer na não menos solidária adesão da Dra. Ieda Maria Vargas, Chefe do DLCV, Departamento a que pertenço. Desde nossa primeira movimentação (o evento foi preparado em um ano), a FFLCH esteve presentíssima - com funcionários sempre prontos a nos atender, das secretarias à gráfica, da Humanitas ao CCEX e a várias outras seções, impossíveis de nomear. Também a colegas de outras áreas devemos muito: à Casa de Cultura Japonesa, que nos cedeu o Auditório, e à

Faculdade de Filosofia, que sediou o evento em uma das manhãs; no Auditório da FAU apresentou-se o Antônio Nóbrega. A todos, quero deixar público o nosso muito obrigado, já que este Congresso resultou de uma Comissão Organizadora: Dra. Adma Muhana, Dra. Lílian Jacoto e eu, do lado brasileiro; do lado estrangeiro, Dra. Isabel Almeida, de Lisboa, e Dr. Aurelio Vargas, de Madri. Na secretaria, incansável, o Dr. Geraldo Augusto Fernandes.

Importância para a FFLCH? O que dizer da atuação irrepreensível de nossos 25 monitores, todos alunos da Letras? O que dizer dos nossos vários estudantes de pós-graduação que apresentaram comunicações - algumas excelentes? O que dizer da sorte de poder, em dois dias, conviver com 30 pesquisadores internacionais - dos mais renomados da Europa acerca do tema - que vieram prestigiar o Congresso e que trouxeram inestimáveis novidades científicas, principalmente no âmbito bibliográfico? O que dizer dos desdobramentos que, a partir da FFLCH, o evento teve - já que os pesquisadores presentes foram também convidados ao Mato Grosso, ao Instituto Cervantes, à Eca e a vários mini-cursos na Letras? Enfim, nosso ganho com toda esta experiência não tem preço, principalmente os que militamos na esfera dos séculos mais recuados e que vivemos longe das esplêndidas bibliotecas internacionais, com sua pujante riqueza em manuscritos.

Informe: Por favor, para o estudante que acabou de ingressar na FFLCH: quais são as orientações para quem quer estudar a matéria cavaleiresca?

LMM: Para quem ouviu o Congresso, pouco tenho a acrescentar, porque todos os pesquisadores insistiram em duas idéias, a começar da extraordinária conferência de abertura, feita pelo Dr. Lucía Megías: 1) a primeira noção básica, elementar, é ir às “fontes”, aos textos de base, que se complementam por estudos historiográficos, linguísticos, antropológicos, crítico-literários, etc. Ou seja: para os que desejam ser pesquisadores, é necessários transpor os limites dos manuais didáticos, importantes, sim - eu diria fundamentais! - para as

nossas salas de aula, mas insuficientes para formar o especialista;

2) a segunda lição decorre da primeira: não se pode esquecer de que tudo evolui no tempo e tudo está impregnado da noção de espaço cultural, com as forças sociais que lhe dão forma. Não é possível pensar em “um” Rei Arthur, em “um” Galvam ou em “um” Palmeirim: se recriado o mito na Espanha do século XVII, a imagem desses cavaleiros será seguramente distinta de sua recriação em solo germânico. Se a estrutura feudal, a que a Cavalaria literária está estreitamente ligada, tem força em determinados países, seu enfraquecimento, em outros gerará, com certeza, novelas cavaleirescas com interesses diversificados. Basta ver, por exemplo, a apropriação que a dinastia inglesa Plantageneta fez da chamada “matéria de Bretanha”, com intuítos imperiais.

Quanto a leituras: que tal os alunos comecem por Dominique Barthélemy, *A cavalaria. Da Germânia antiga à França do século XII* (editado pela Unicamp), que acaba de ser lançado em nosso Congresso e onde estive o próprio autor, num convívio dos mais saudáveis?

Informe: Há alguma expectativa de desdobramento deste evento que se encerra (perspectivas futuras)?

LMM: Se você pergunta sobre a realização de outro Congresso de teor semelhante, oxalá a moçada abrace a ideia! Todos viram que vale a pena!

Se sua pergunta tem teor mais científico, os frutos já vêm aí: em primeiro lugar, publicaremos as palestras (as **escolhidas**, não todas) em forma de livro, que se chamará justamente “Histórias de cavalarias por terras de Espanha, Portugal e Brasil” (as demais comunicações estarão todas on-line). Em segundo lugar, a Editora Ateliê dará a público, em 2012, justamente a edição brasileira do *Palmeirim de Inglaterra*, que será feita por Raúl Cesar Gouveia Fernandes, Fernando Maués de Faria Júnior e por mim. E já está na mira da mesma Editora, para o futuro, uma edição da *Demanda do Santo Graal* e da *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros.

FFLCH COMEMORA 150 ANOS DE NASCIMENTO DE NOBEL INDIANO COM SEMINÁRIO INTERNACIONAL

POR: LUIS RICADO BÉRGAMO



Manhã de segunda-feira, 30 de maio, Anfiteatro da História, uma luz se acendeu num candelabro dourado. Para o povo indiano, toda atividade nova inicia-se com o pequeno ritual de acender a lâmpada à óleo. A luz é a metáfora do conhecimento, portanto, acender a lâmpada simboliza trazer luz à vida no compartilhar do conhecimento; o conhecimento vence a noite escura da ignorância e do mal e destrói as forças negativas, as injustiças, opressões e sofrimentos. E foi assim, com luz, que começou o Seminário Internacional “Rabindranath Tagore Hoje”, em celebração dos 150 anos de seu nascimento. Ele fez parte da programação da Mostra Cultural da Índia que se realizou em outras quatro cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. As atividades na FFLCH tiveram como coordenadora a professora Dra. Laura Izarra, do Programa de Pós-Graduação de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Outro importante parceiro para este evento, além da FFLCH, foi o Consulado da Índia, representado pelo Ilmo. Sr. Cônsul Geral Jeitendra Tripathi.

Participaram também da cerimônia de abertura o Professor Dr. Claudio Possani, representando a Vice-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, o Professor Dr. Modesto Florenzano, Vice-Diretor da FFLCH e a Profa. Dra. Maria Augusta da Costa Vieira, Chefe do Departamento de Letras Modernas. Os conferencistas indianos especialmente convidados foram a Vice-Presidente do Conselho de Relações Culturais da Índia Professora Dra. Bharati Ray, da Universidade de Calcutá e o historiador Professor Dr. Kunal Chakrabarti, de Jawaharlal Nehru University.

Também participaram como palestrantes o Professor Dr. Carlos Gohn, coordenador do Centro de Estudos sobre a Índia da Universidade Federal de Minas Gerais, e o Professor Dr. Markus Weininger da Universidade Federal de Santa Catarina.

RABINDRANATH TAGORE (1861-1941)

A Professora Laura Izarra, ressaltou a importância e atualidade das obras de Rabindranath Tagore, que foi o primeiro prêmio Nobel de Literatura da Ásia, em 1913, e exerceu grande influência sobre escritores do mundo todo, incluindo o Brasil. Viajou pelos cinco continentes e ganhou aclamação como dramaturgo e poeta; escreveu canções, contos e romances; foi pintor, educador, filósofo e huma-

nista. Recebeu o título de cavaleiro britânico ao qual renunciou em 1919, em protesto à política inglesa pelo massacre em Amritsar. Seus poemas traduzidos em prosa do bengali ao inglês Gitanjali (Song Offerings) foram publicados com uma introdução de William Butler Yeats em que o poeta confessa o quanto seus versos o tinham emocionado. Como educador, defendeu uma formação holística e fundou a instituição Visva-Bharati em Santiniketan. Como filósofo, buscou o equilíbrio entre sua paixão pela liberdade da Índia e sua crença num humanismo universal. A professora enfatizou que certamente esse seminário abrirá novos campos de pesquisa sobre a Índia, seja em literatura, educação, história, tradução, e em outros campos do saber para manter viva a chama do conhecimento compartilhado e construirmos juntos um espaço de inter-relações que ajudem a compreender os novos desafios e iluminar nossos caminhos para um humanismo renovado.

O evento contou com tradução simultânea de Carolina Garcia de Carvalho e Cristina Vanuzzi.

A USP sediará em outubro deste ano o evento interdisciplinar “Brazil=India; Building a Knowledge Network”, organizado pela Profa. Dra. Maria Inês Nogueira do Instituto de Ciências Biológicas da USP.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

REFORMAS NOS PRÉDIOS DA FACULDADE, MAIO DE 2011

POR: RAFALE KOPKO

Durante o terceiro bimestre de 2011 muitas reformas entraram em fase de projeto ou aguardam a contratação dos serviços para começar.

Na Casa de Cultura Japonesa estão se preparando os materiais e os elementos para o início da reforma da entrada do prédio. Na História e Geografia está em fase de projeto a reforma do Laboratório de Cartografia e o de Informática. A construção dos dois novos Anfiteatros aguarda a reunião de início de obra. Já a substituição do forro da copa e do corredor do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) já foi contratada, somente aguarda a sua realização.

No prédio das Sociais está em andamento o reparo dos corrimãos e sinalização dos mesmos, assim como das escadarias. O reparo do contrapiso e a troca do piso vinílico do hall em frente ao elevador do térreo, estão em fase de contratação.

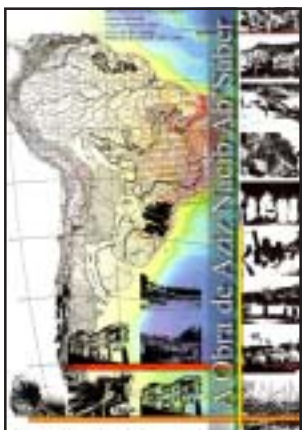
Nas Letras a reforma para instalação do labora-

tório de tradução na sala 168 está em projeto. Já a ampliação e reforma do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC) está em contratação, enquanto a instalação do forro e das luminárias da seção de alunos já foi contratada e somente aguarda a instalação.

Na Biblioteca a reforma do espaço do xerox foi programada para o fim das férias de julho. Já a reforma da copa está em fase de projeto. Também em fase de projeto está uma reforma prevista para a área da biblioteca, que visa facilitar a acessibilidade as estantes.

Por fim, no prédio da Administração, todos os serviços estão em fase de contratação. Nesses estão incluídos a reforma do Serviço de Comunicação Social e construção de estúdio para o mesmo, a substituição do sistema de ar condicionado do prédio e a reforma e ampliação das salas 122 e 124.

PRODUÇÃO DA FACULDADE

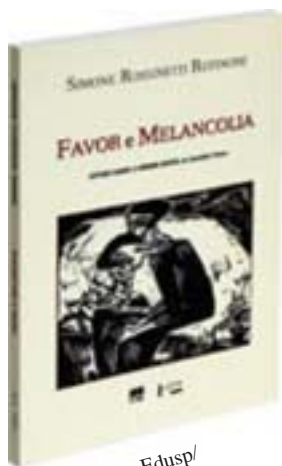


A OBRA DE AZIZ NACIB AB'SÁBER

May Christine Modenesi-Gauttieri, Andrea Bartorelli, Virgínio Mantesso-Neto, Celso Dal Ré Carneiro e Matias B.A.L. Lisboa (orgs.)

Reunião da obra acadêmica do geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber. No DVD anexo, documentário, registro do encontro com Fernando Flávio Marques de Almeida, e acervo de fotos das décadas de 1950 e 1960, além de mais de quatrocentos artigos publicados pelo autor (em formato PDF), incluindo textos inéditos, com possibilidade de busca simultânea.

Editora: Beca



Editora: Edusp/
Nankin Editorial

Favor e Melancolia: Estudo sobre A Menina Morta, de Cornélio Penna*

Simone Rossinetti Rufinoni

Há poucos estudos sobre a produção literária de Cornélio Penna, e não foram suficientes até o momento para trazer maior reconhecimento ao autor por parte do público. Este livro é a contribuição crítica de Simone Rossinetti Rufinoni, um estudo que analisa e interpreta *A Menina Morta*, considerada por alguns críticos a obra-prima de Cornélio. A autora esmiúça as diversas implicações artístico-literárias articuladas com o processo social brasileiro, examinando as contribuições anteriores da crítica sobre esse romance e identificando diferentes visões e interpretações. O caminho crítico da autora, neste livro, é complexo, colocando-se a questão sobre a classificação do romance como moderno ou como uma “recaída antimoderna de cunho conservador”, questões relevantes que enfrenta de forma muito competente, tornando a leitura do livro fundamental aos interessados na literatura brasileira e em sua história.

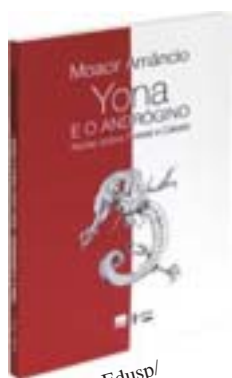
“O ensino do italiano instrumental”

Olga Mordente e Roberta Ferroni (Orgs.)

Este livro é resultado de pesquisas realizadas pelos vários autores da Universidade de Rosário e da Universidade de São Paulo. Nesse livro, enfrenta-se o problema do ensino-aprendizagem da leitura de textos acadêmicos em língua estrangeira (LE) como parte integrante da formação universitária. Os temas tratados referem-se às características de um curso instrumental, aos objetivos gerais, aos objetivos específicos e ao modo como se dá o processo de ensino-aprendizagem do ponto de vista “instrumental”.



Editora: Humanitas-Discurso



Editora: Edusp/
Nankin Editorial

“Yona e o Andrógino: Notas sobre Poesia e Cabala”

Moacir Amâncio

Moacir Amâncio, poeta e professor de língua e literatura hebraica, apresenta neste livro a poesia de Yona Wollach (1944-1985) ao leitor brasileiro, analisando e interpretando cerca de trinta poemas que traduziu diretamente do hebraico. O autor observa a presença recorrente do mito do andrógino, primeira condição do ser humano, na obra de Wollach, e acrescenta: “com alegria primitiva ela juntava sexualidade e religião na sua poesia, sem esquecer a bissexualidade explícita”. E prossegue, observando que a polêmica ao redor de sua obra deve-se, sobretudo, ao tratamento do sexo e de motivos sexuais envolvidos com a terminologia religiosa, resgatando, com isso, tradições heréticas e não heréticas e apresentando-as numa versão contemporânea revitalizada.



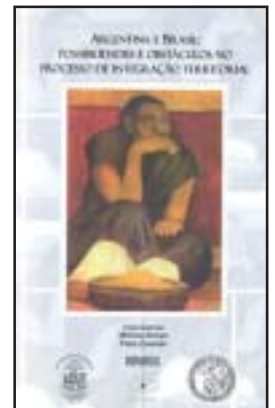
Editora: Edusp/
Nankin Editorial

***História do Trabalho e Histórias da Imigração:
Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)***
Orgs.: Maria Luiza Tucci Carneiro, Federico Croci e Emilio Franzina

Esta é uma coletânea de textos com os mais recentes estudos da produção historiográfica brasileira sobre a participação dos trabalhadores imigrantes italianos na história dos movimentos operário e sindical do país. Pesquisadores do Brasil e da Itália analisam, sob diferentes pontos de vista, a riqueza e a profundidade das relações existentes entre a história do trabalho e a história da imigração. Importantes questões estão presentes, como as relações entre etnicidade e identidade de classe, com o fascismo e o movimento antifascista, a contribuição dada ao sindicalismo revolucionário, as operações e estratégias de controle social e repressão, os aspectos mais significativos da cultura material e da rede organizacional que oferecia espaços de socialização, diversão e solidariedade, bem como as redes sociais e familiares que funcionavam como propulsores dos circuitos migratórios.

Argentina e Brasil: possibilidades e obstáculos no processo de integração territorial
Mónica Arroyo e Perla Zusman (Orgs.)

O livro *Argentina e Brasil: possibilidades e obstáculos no processo de integração territorial*, organizado por Mónica Arroyo e Perla Zusman, é um convite para estudiosos, analistas e críticos preocupados com as formas, estratégias e dificuldades que o processo de integração territorial entre Argentina e Brasil tem apresentado nos últimos vinte anos. Seu objetivo principal é divulgar os resultados de pesquisa conjunta entre a Universidade de São Paulo e a Universidad de Buenos Aires, bem como contribuir para a reflexão sobre a integração latino-americana.



Editora: Humanitas

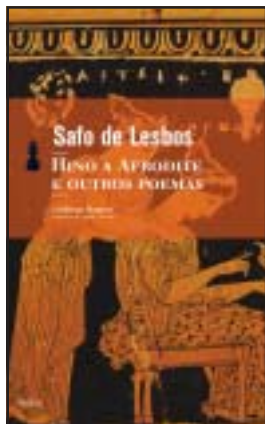


Editora:
Companhia das Letras

Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa
Marilena Chauí

Os oito ensaios reunidos no livro foram, originalmente, textos para conferências ou artigos avulsos. Neles, Marilena Chauí aborda os temas principais da ética de Espinosa, cuja obra estuda desde o mestrado. Adotando o espírito seiscentista de recusar uma contingência inapreensível pela razão e buscar pelo exercício lógico a compreensão das paixões humanas, a filósofa constrói um quadro amplo e claro dos principais conceitos espinosanos, ilustrando-o ora com textos literários nacionais e universais, ora com o rico diálogo entre Espinosa e seus contemporâneos.

Como bem sabem os leitores e alunos de Marilena Chauí, sua enorme capacidade de síntese e sua escrita clara são fundamentais para que os conceitos intrincados dos diferentes sistemas filosóficos sejam aprendidos e apreciados por todos, dentro do vasto painel da história da filosofia que vem sendo oferecido ao público, consistentemente, há vários anos. Graças a ele, mesmo leitores não especializados adquirem instrumentos valiosos para pensar a sociedade contemporânea.



Editora: Hedra

Hino a Afrodite e Outros Poemas: Safo de Lesbos

Organização e tradução: Giuliana Ragusa

Hino a Afrodite e Outros Poemas reúne os textos traduzidos e anotados remanescentes da mélica sáfica, ou seja, as canções para *performance* ao som da lira, em solo ou em coro. Mais precisamente, dessa poesia de tradição oral, foram selecionados a única canção completa e os fragmentos mais legíveis de canções do *corpus* de Safo, que sobreviveram ao tempo. Anotações de leitura buscam lançar luz sobre elementos relevantes da estrutura, conteúdo ou transmissão dos fragmentos organizados tematicamente. Precede a tradução anotada uma introdução sobre Safo, sua poesia e o contexto em que se produziu e circulou, o gênero mélico, a fortuna crítica sobre a poeta, a transmissão de sua obra, e as outras poetas mulheres de que se tem notícia. Safo de Lesbos nasceu de família aristocrática em Êresos, na costa ocidental da ilha de Lesbos (mar Egeu), em torno de 630 a.C. A poeta grega passou a maior parte de sua vida numa cidade da costa oriental, a próspera e proeminente Mitilene, onde teria morrido em cerca de 580 a.C. Seu nome figura desde seu tempo entre os expoentes da poesia grega e de um de seus gêneros mais importantes, a *mélica* ou *lírica*, e é o único nome feminino no conjunto de poetas da Grécia arcaica (c. 800–480 a.C.). Muitos outros dados sobre sua vida podem ser colhidos nos testemunhos antigos; vistos de perto, porém, eles se mostram demasiado frágeis, contraditórios, anedóticos, configurando-se antes como peças de uma biografia ficcionalizante, sempre em (re)construção, baseada no que nos restou da obra sáfica.

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 62 - maio/junho de 2011



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

